

## Interface

---

### **ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS DAS TATUAGENS: UMA VISÃO HISTÓRICA**

*Gislene Farias de Oliveira (1)*

*Francinete Alves de Oliveira Giffoni (2)*

Não se sabe ao certo a origem das tatuagens. Acredita-se que os homens das cavernas se já usavam as marcas de suas cicatrizes como sinônimo de coragem. As tatuagens eram usadas para marcar os momentos da vida biológica como o nascimento, ritos de passagens da adolescência para a vida adulta, para registrar os fatos da vida social (tornar-se guerreiro, sacerdote, casar-se) e pedir proteção ao sobrenatural. (KRISCHEKE LEITÃO, 2002).

A tatuagem, ao contrário do que se pode pensar, não é um produto cultural recente. Desde tempos remotos, o Homem imprime, em sua pele, pinturas e símbolos da sua cultura na pele. Seja por religião, vaidade ou estatuto social, o ato de tatuar o corpo tem sido, através do tempo, uma forma de ritual e socialização.

A sua origem parece estar ligada ao antigo Egito antigo. Acredita-se há pelo menos 4.000 anos a.C, no Egito apareceram os primeiros sinais desta prática onde tatuar consistia em inserir um pouco de tinta à base de vegetais logo abaixo da derme, através de uma haste de osso afiada na ponta, especialmente para este fim. Existem provas arqueológicas de marcas de tatuagens feitas em seres humanos no Egito entre 4000 e 2000 a.C, dentre elas, múmias com sinais parecidos com tatuagens que foram encontradas no Vale do Rio Nilo. Segundo especialistas, os corpos foram encontrados com as mãos amarradas nas costas, por isso a suspeição de que eram de prisioneiros marcados para não fugir. No Egito, tatuar tinha um significado altamente religioso. De fato, múmias com cerca de cinco mil anos de idade foram encontradas com marcas por todo corpo. A mais importante delas, a da sacerdotisa Amônia, possuía vários traços e pontos gravados nas pernas, colo e braços, como símbolo de fertilidade e longevidade. Por volta de 2000 a.C. a arte da tatuagem se espalhou pela Ásia indo para China e Japão. Por ter sido a mais desenvolvida sociedade de sua época e por ter tido contatos

constantes com Creta, Grécia e Arábia, a arte egípcia pode ter se disseminado pelo resto do mundo através das rotas comerciais. (BIANCHI, 1988).

Povos relativamente isolados como os Maias, os Astecas e os bárbaros da Europa, também desenvolveram os seus próprios estilos de tatuagem. A técnica pouco variava, mas os desenhos e motivos das pinturas eram singulares em cada cultura. Para os Samoanos, o ato de pintar o corpo marcava a passagem da infância para a maioridade. Enquanto não fosse marcado, o membro da tribo, por mais velho que fosse, não teria voz numa roda de adultos, nem teria permissão para tomar uma esposa para si. A tatuagem também funcionava como instrumento de ascensão social. Quanto mais tatuado fosse o Samoano, mais alto seria seu estatuto na tribo. Os nativos da Polinésia foram um dos povos mais conhecidos pelo desenvolvimento das técnicas da tatuagem. A eles é atribuído a disseminação desse conhecimento. Nativos das Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia (maori), tatuavam-se em rituais complexos, sempre ligados à religião. Os maori se destacaram pela criatividade do *Moko*, tatuagem tradicional feita no rosto. (GELL, 1993).

Ainda não se sabe cientificamente quando se iniciou o processo das tatuagens na América, porém historiadores estabeleceram que os primeiros habitantes do México e Peru já conheciam esta arte e que mais tarde foi desenvolvida pelas civilizações Maias, Incas e Astecas. Tem-se notícia de que Cristóvão Colombo levou para casa homens tatuados da América do Norte, mas o fato de que os Incas eram tatuados, embora sua civilização fosse mais avançada do que muitas da Europa já eram o suficiente para condená-los como "Bárbaros" (BIANCHI, 1988).

Algumas passagens marcam a história das tatuagens, como as contadas por Däniken (1977, p.126-128):

*Haveria um pirata e explorador, conhecido pelo nome de William Dampier que, viajando pelos mares do Sul em 1691, encontra um nativo com o corpo todo tatuado. Este fora levado para Londres, tornando-se sensação na sociedade. Até então, a arte da tatuagem era ignorada na Europa e Dampier aproveitou-se para tirar proveito da "novidade" fazendo exposições públicas do nativo tatuado em praças, mercados e circos. Giolo teria sido um Príncipe das Filipinas, feito escravo. Este fora o primeiro contato dos europeus com a tatuagem depois de séculos de proibição.*

*Um outro caso data de 1771, quando o então capitão James Cook retornava para Inglaterra após sua primeira viagem pelo Taiti e litoral da Nova Zelândia. Este após entrar em contato com os nativos tatuados desta região escreveu um livro com as anotações do seu diário de bordo, descrevendo como os nativos daquela região decoravam a pele. Em uma segunda*

*viagem, o capitão Cook levou um nativo para a Europa, e o exibiu em várias cidades da Grã-Bretanha. O nativo retornou a sua cidade natal apenas em 1776.*

*Em 1806, um negro com o corpo repleto de tatuagens fora encontrado vagando pelas ruas da cidade. Este foi levado às autoridades e trancado numa cadeia até que fosse esclarecida a sua origem. O pobre homem foi salvo por um nobre que gostou das suas tatuagens e deu permissão para ele participar de um grupo circense.*

Muitas outras histórias são encontradas em biografias, uma delas diz respeito a um marinheiro que levantou simpatia entre os britânicos em 1928. John Rutherford retorna a sua casa vindo da Nova Zelândia com seu corpo e rosto coberto de tatuagens elaboradas. Ele declarou que fora capturado pelos Maoris (povo nativo da Nova Zelândia) e tatuado a força em 1816, mantendo-o como prisioneiro durante seis anos. O marinheiro contou que ele havia participado de uma cerimônia de tatuagem conduzida por dois padres, onde seu corpo foi marcado desde braços e pernas até o abdômen e rosto. Depois desse episódio, Rutherford informou que passou a viver como se ele fosse um deles. Certo dia, ele avistou um navio próximo da costa e escapou nadando até o navio que estava ancorado. Ao contar sua história ao capitão do navio, este o recebeu a bordo. Algum tempo depois, sua história foi investigada com mais profundidade, e foi descoberto que Rutherford havia, de fato se unido aos maoris, mas de livre e espontânea vontade, pois havia se apaixonado pela filha do chefe da tribo e submeteu-se a cerimônia para que pudesse ser aceito como membro da comunidade (CAMPHAUSEN, 1999).

Por volta do século XVIII, a tatuagem já tinha se tornado popular entre os marinheiros, particularmente aqueles que navegaram os mares do sul. Apesar disso, ainda no século XIX não havia tatuadores profissionais trabalhando, embora muitos amadores estivessem a bordo dos navios e nos grandes portos. Foi somente a partir de 1920 que a prática da tatuagem foi se tornando mais comercial e popularizando-se entre americanos e europeus. (DÄNIKEN, 1977).

Já no Japão feudal, acontecia exatamente o contrário. As tatuagens eram usadas como forma de punição, tornando-se sinônimo de criminalidade. Para o japonês, muito preocupado com sua posição na sociedade, ser tatuado era pior do que a morte. Mas com a era Tokugawa, época de intensa repressão, ser criminoso se tornou sinônimo de resistência, popularizando a tatuagem. Foi nessa época que surgiu a Yakuza, a máfia japonesa, cujos membros têm os corpos todos pintados em sinal de lealdade e sacrifício à organização e simbolizando a sua oposição ao regime. (MARQUES, 1997).

Na América, tanto as tribos indígenas dos Estados Unidos, quanto às civilizações Maias e Astecas, eram praticantes da tatuagem. Para os Índios Sioux, tatuar o corpo servia como uma expressão religiosa e mágica. Eles acreditavam que após a morte, uma divindade aguardava a chegada da alma e exigia ver as tatuagens do índio para lhe dar passagem ao paraíso. Interpretações similares faziam parte da maioria das culturas indígenas norte-americanas, mas devido à colonização, tanto a tradição foi esquecida, tal como os registros históricos foram perdidos, deixando uma grande lacuna na história da cultura americana. (MARQUES, 1997).

Os Maias praticavam o culto dos deuses de pedra e tinham o costume de gravar as imagens dos seus deuses na própria pele. Apesar dos europeus terem desenvolvido a tatuagem com os Celtas e os povos bárbaros, os conquistadores nunca tinham visto uma tatuagem antes, o que ajudou a qualificarem os Maias de "adoradores do diabo". Esta ignorância dos espanhóis se deve ao fato da Igreja Católica ter proibido a tatuagem em 787 D.C., alegando que a prática estava associada à superstição e ao paganismo. Dessa forma, na Idade Média a tatuagem foi banida da Europa e qualquer cicatriz, má formação ou desenho na pele teria justificativa semelhante. De lá, até o fim da idade média, a tatuagem tornou-se uma prática quase esquecida. Com as grandes navegações e descobrimentos, começaram a chegar notícias de povos que gravavam figuras na pele. (LE BRETON, 1998).

Foi no século XVIII, que a tatuagem se tornou bastante popular entre os marinheiros, particularmente aqueles que navegaram os mares do sul. No século XIX não havia tatuadores profissionais trabalhando, embora muitos tatuadores amadores estivessem a bordo dos navios e nos grandes portos. No final do século XIX, a febre da tatuagem espalhou-se na Inglaterra como em nenhum outro país da Europa. Graças à prática dos marinheiros ingleses em tatuarem-se. Vários segmentos da sociedade inglesa se tornaram adeptos da tattoo, como passou a ser chamada. Conta-se que o rei Edward VII tatuava o corpo com frequência, tendo deixado explícito, antes de morrer, o desejo de que os seus filhos também fossem tatuados. No início da sua vida, o filho de Edward, o rei George VII, ordenou a seu tutor que o levasse a um estúdio no Japão, para ser tatuado pelo mestre Chiyo, a maior autoridade local. (LE BRETON, 1998).

Segundo Krischke Leitão (2002), mesmo com a realeza tendo sido tatuada, psicólogos e advogados, insistiam em associar o ato de tatuar com uma propensão à criminalidade e marginalidade ou a interpretavam como uma tendência à homossexualidade. Até hoje, muitas

peessoas são discriminadas por terem os seus corpos tatuados como os povos antigos. E apesar de toda a propaganda contrária, cada vez mais gente se dispõe a gravar na pele figuras que cativam, excitam, polemizam e embelezam os seus corpos.

O surgimento de novos recursos tecnológicos provocou um maior desenvolvimento desta prática que passou a ser encarada com menor preconceito, como algo mais artístico. Também os cuidados higiênicos foram aprimorados devido à possibilidade de se contrair doenças. (JUEDY, 2002). Dessa forma, os meios de comunicação ajudaram a disseminar uma identificação maior com as tatuagens. Muitas pessoas já as admiram como obras de arte.

A tatuagem elétrica chegou ao Brasil em junho de 1959, através do dinamarquês "Knud Harld Likke Gregersen", que ficou conhecido como "Lucky Tattoo". Knud dizia que suas tatuagens davam sorte, e dessa forma começou um modismo novo, ao tatuar um dragão no "Menino do Rio", da famosa canção de Caetano Veloso (MARQUES, 1997).

Hoje a tatuagem, apesar de ainda existirem preconceitos quanto a essa prática, já ocupa um lugar social bem mais aceito, uma vez que muitos artistas e pessoas famosas e respeitadas também tatuam os seus corpos, o que tem servido de inspiração, principalmente para os adolescentes. A tatuagem parece provocar nesses jovens uma espécie de marca que os individualizam e os tornam únicos.

## Referências

- BIANCHI, Robert. "Tattoo in Ancient Egypt". In: RUBIN, Arnold.(org.) *Marks of Civilization*. Los Angeles: Museum of Cultural History, University of California. 1988.
- CAMPHAUSEN, Rufus C. *La tribù del tatuaggio*. Milão: Lyra Libri. 1999.
- DÄNIKEN, Erich von. *Provas de Däniken : Reconstituição em 5 continentes*. São Paulo: Melhoramentos, 1977. 335 p.
- GELL, A. 1993. *Wrapping in Images*. Tattooing in Polinesia. Oxford, Clarendon Press. (iniciação feminina e tatuagem) pp.77-95. (Theoretical introduction: The Skin as a symbolic form) pp. 1-39.
- JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KRAKOW, Any. *The total tattoo book*. Nova Iorque: Time Warner. 1994.

KRISCHKE LEITÃO, Débora. *O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dezembro de 2002.

LAPLANTINE, François. *La Description Ethnographique*. Paris: Nathan, 1996.

LE BRETON, David. *Anthropologie du corps et modernité* Paris: PUF.1998

MARQUES, Toni. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco. 1997

MCCALLUM, Donald. "Historical and cultural dimensions of the tattoo in Japan." In: RUBIN, Arnold (org). *Marks of Civilization*. Los Angeles: Museum of Cultural History, University of California. 1988.

MCCRACKEN, G. "Meaning Manufacture and Movement in the World of Goods." In: *Culture and Consumption*. Bloomington, Indiana University Press, 1998. p 71-89.

MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel. "Tatuagem e subjetividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme". In: *Revista Interseções*. Ano 3, n.1, jan/jun 2001. UERJ, p. 91-109.

RUBIN, Arnold (org). *Marks of Civilization*. Los Angeles: Museum of Cultural History, University of California. 1988.

"

(1) **Gislene Farias de Oliveira** é Psicóloga, Professora da Universidade Regional do Cariri e da Universidade Federal do Ceará e, doutoranda em Psicologia social pela Universidade Federal da Paraíba. **E-mail:** gislenefo@hotmail.com;

(2) **Francinete Alves de Oliveira Giffoni** é Médica Psiquiatra, Professora da Universidade Federal do Ceará(UFC) e Doutoranda em Educação pela UFC. **E-mail:** francinetealves@gmail.com.